

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Auto é

Class.:

362

Data:

28.03.79

Pg.:

30

ÍNDIOS

Cansados da Funai, eles vão ao ataque

De manifesto e borduna, o cerco a Brasília

Trinta chefes xavantes estão em Brasília desde os últimos dias do governo Geisel dedicando-se a uma autêntica guerra política de bastidores. Eles querem a demissão de mais de uma dezena de funcionários da Funai, encarados como os principais inimigos dos índios. Aquartelados na Casa do Ceará, entidade beneficente que mantém convênio com a Funai, os líderes xavantes de várias aldeias, que, no ano passado, alimentavam lutas intertribais, já conseguiram de certa forma uma vitória: a promessa do novo ministro Mário Andreazza de promover uma renovação na Funai. O ministro reconheceu que o clima de tensão criado pelos índios não permitirá ao novo presidente da Funai, engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, ex-diretor do DNER, sequer iniciar o seu trabalho.

As ameaças iniciais feitas pelos xavantes, ao chegarem a Brasília, pouco antes da posse de Figueiredo, variavam entre "jogar determinados funcionários da Funai pela janela" e outras mais amenas, como "expulsar os inimigos dos índios a pontapés pelas escadas abaixo". Com suas bordunas e expressões duras nos rostos, estes índios, liderados por Mário Juruna, Aniceto, Cipriano, Celestino, Surupredi e outros, fizeram uma longa peregrinação pelos gabinetes da Funai, do Ministério do Interior e de alguns parlamentares, denunciando a corrupção constatada na Funai. Como o caso da reserva xavante de Pimentel Barbosa, acobertado pelo governo, que preferiu devolver a terra tirada ilegalmente dos índios, sem entrar no mérito do envolvimento de funcionários da Funai na venda ilícita de mais de 80 mil hectares.

Esperalhães. Os xavantes chegaram a Brasília irritados, também, com a demissão do antropólogo Cláudio Romero, responsável pelo Projeto Xavante. "Eles demitem um amigo do índio", afirmou Mário Juruna, "e deixam na Funai essa panelinha de inimigos nossos que ficam sentados nos ga-

binetes, enquanto os verdadeiros amigos estão lá no mato, passando fome com a gente". Mário dizia que os índios estavam em Brasília para evitar que o novo presidente "fosse enrolado pelos esperalhães da Funai", citando os nomes da responsável pelo Departamento de Terras, Laia Mattas Rodrigues, do assessor jurídico Getúlio Barros Barreto, do coordenador da Amazônia, general Demócrito de Oliveira, além de José Aguiar, diretor do Departamento de Administração, entre outros.

"Essa panelinha", denunciou Juruna, "está enchendo os bolsos de dinheiro e todo mundo sabe disso. É só ver o que eles eram antes de trabalhar na Funai e agora".

O primeiro contato que tiveram na Funai, na semana anterior à mudança do governo, foi com o então presidente do órgão, general Ismarth de Araújo Oliveira, conhecido pela sua habilidade em contornar crises aparentemente insolúveis, envolvendo comunidades indígenas.



Juruna: "Índio tem cabeça"

"Não me mate". Ismarth, pela primeira vez em sua administração, perdeu a paciência, quando foi chamado de mentiroso por Mário Juruna, que, com o dedo em riste, próximo ao rosto do general, não aceitava as acusações feitas a Cláudio. "Esses assessores da Funai estão virando a cabeça do senhor contra os índios", sentenciava Mário Juruna. "Eles deveriam procurar emprego novo porque aqui na Funai nós queremos agora é só gente nova."

Este encontro transcorreu em clima tenso, como já acontecera no dia anterior, quando Surupredi havia simulado um golpe de borduna na cabeça de um funcionário graduado, que, segundo os próprios índios, gritou apavorado: "Não me mate, não me mate..."

"Inimigo secreto". Estes incidentes, no entanto, passaram quase despercebidos, pois Brasília vivia o clima de mudança de governo.

Os índios souberam esperar até assentar a poeira para reiniciar as pressões, agora junto ao novo governo. Em seu primeiro dia no Ministério do Interior, o ministro Mário Andreazza ouviu longamente os xavantes, num encontro reservado, e até conseguiu deles um prazo de dois meses para estudar as principais reivindicações apresentadas.

Mas essas promessas começaram a ser reconsideradas durante as noites passadas na Casa do Ceará, onde os índios, em vigília, em suas redes armadas ao ar livre, promoveram várias reuniões para estudar a situação. E decidiram investir novamente contra a Funai, apesar da promessa feita a Andreazza, porque temiam que todos os funcionários do órgão pudessem ser aproveitados pela nova administração. Contribuiu para isso a nomeação, para presidente interino, de José de Aguiar, "um de nossos inimigos secretos", como afirmam os índios.

"Tem que ouvir". A chegada à sede da Funai, na terça-feira, dia 20, foi fulminante. Os índios invadiram o gabinete de Aguiar e perguntaram se ele seria o novo presidente. "Os índios não querem que você fique aqui", afirmou Aniceto.

"Vocês têm que ouvir o índio", disse Mário Juruna. "Vocês só têm esse emprego porque existe o índio, vocês estão aqui para ouvir o índio, porque, se não existisse o índio, vocês não estariam aqui". Outros diálogos mais ásperos foram registrados e os índios acabaram confiscando a portaria que demitia Cláudio Romero, deixando perplexo o presidente interino.

Depois de quinze dias de movimentação, os xavantes decidiram retornar às suas aldeias. Somente sete chefes permanecerão em Brasília para verificar se a renovação prometida por Andreazza vai ser realmente cumprida. "Os índios estão sendo insuflados", garantem os ex-dirigentes da Funai. "Basta ver como são redigidos estes documentos que eles distribuíram em Brasília."

Os xavantes garantem que não. "Nós estamos é cansados de promessas", afirma Mário Juruna, talvez o líder indígena mais conhecido hoje em dia. "O pessoal pensa que índio não tem cabeça, que não percebe as coisas. Agora nós estamos sabendo como a Funai explora os índios. Cria gado nas terras dos carajás, cortam a madeira das reservas dos nossos patrícios do Sul e vendem as terras dos xavantes."